



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

POESIA POPULAR. As "DÉCIMAS DO PADRÃO" DO AMEIXIAL.

CHAVES, Luís

Ano: 1913 | Número: 30

Como citar este documento:

CHAVES, Luís, Poesia popular. As "décimas do Padrão" do Ameixial. *Revista de Guimarães*, 30 Jan.-Dez. 1913, p. 49-74.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

POESIA POPULAR

AS "DÉCIMAS DO PADRÃO," DO AMEIXIAL

UM ROMANCE DO SEC. XIX

Adês villa de Extremoz,
Adês *Serra do Padrão*,
Campos de Santa Victoira,
Onde os mêz amores 'stão.

De S.^{ta} Victoria do Ameixial.

SUMMARIO

- Cap. I—*a)* Poesia popular, seu character e sua classificação. —
b) Informaçõs: as *Decimas do Padrão*, o poeta,
etc.
- Cap. II—*a)* O factõ historico, celebrado nas *Decimas do Padrão*; a victoria do Ameixial.—*b)* O padrão commerativo da batalha.
- Cap. III—As *Decimas do Padrão*.

CAP. I

- a) Poesia popular, seu caracter e sua classificação.
- b) Informações: as *Decimas do Padrão*, o poeta, etc.

Nos cantares do povo está a fonte original da poesia bucolica. O povo do campo e da montanha fórma um elemento semiconsciente da natureza; manifesta-se, em todos os actos d'elle, como a acção d'esse permanente contacto é grande. No sentimento popular, quando tem expressividade, ha o caracteristico preciso e contínuo do maior naturalismo. O povo allia, em toda a parte, ao mais pertinaz respeito das suas affeições e das suas chronicas tradicionaes, a delicadeza simples e poetica da sua imaginação. Vive do passado e do sentimento, e envolve estas faculdades de psychologia propria, de um unico, passivo e constante caracter poetico. Sempre assim foi.

«O povo... só aspira ao futuro nas grandes calamidades, porque o passado é quasi sempre o seu «ideal,» diz Theophilo Braga. (1)

As formulas domesticas, religiosas, agricolas, artisticas, litterarias, mantêm-se atravez de todas as vicissitudes. «A *lôa* deita-se ainda hoje nos cirios das «provincias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das «provincias do Norte do reino.» (2)

E' a continuação dos velhos hymnos da liturgia primitiva dos Christãos, de mistura com a posterior

(1) Teoph. Braga, *Historia da Poesia Popular*, 1867, pag. 5.

(2) Alm. Garrett, *Romanceiro*, ed. illustr. de 1904 (é a que tenho á mão) pag. 115. Vid. umas lóas do Séc. XVII em Theophilo Braga, *Cancioneiro Popular*, Coimbra, 1867, pag. 165 e ss.

feição d'elles nos autos dos santos, representados nas igrejas. Os mais bellos e brilhantes d'esses hymnos são anonymos, (1) populares, de uma sentida espontaneidade. Dão mesmo a nota do improviso.

Nas artes plasticas dos cultores populares é soberana a forma tradicional. Das cabanas pastoris, rudes e incommodas, de que ha exemplares curiosos actualmente nas serras do Centro e do Norte do paiz (2) e das cabanas de madeira dos pescadores, na costa, — á casa salaia dos arredores de Lisboa, hospitaleira e de aspecto agradável, o typo architectural conserva-se regionalmente, de accordo com as condições, espirito e commodidades locais. (3) Casas brancas, agarradas á terra ingrata, no Alentejo; risonhas entre o arvoredado, no Minho; coloridas; — escuras, de dois pavimentos, varanda de ordinario estendida á frente, na Beira e Traz-os-Montes; — fizeram com seus elementos, adicionados de outros de influencia differente, sobre tudo do seculo XVIII, o estylo chamado, embora incorrectamente, de casa á antiga portuguesa. A esculptura (*ex-votos*), (4) a pintura (*milagres*, (5) *alminhas*, (6) etc.),

(1) Theoph. Braga, *Hist. da Poesia pop. op. cit.*, pag. 8.

(2) «No Minho algumas casas são abertas na encosta dos montes,—como grutas artificiaes: observei isto no Alto-Minho, onde as chamam por isso *barracas de so-chão* (sob o chão).» Leite de Vasconcellos, *Museu Ethnographico Português*, Porto, 1894, pag. 34. Vid. tambem: Felix Alves Pereira, *Habitações castrejas do Norte de Portugal*, Vianna do Castello, 1914, no cap. 3.º «Sobrevivencias pittorescas de uma architectura arcaica (Arcos de Valdevez), pag. 22 e ss.; Vergilio Correia *As «Cabanas da Assafarja»*, Sep. da «Aguia», Jan.º de 1915, etc.

(3) Rocha Peixoto, *A Casa Portuguesa*, in «Serões», vol. I (2.ª serie) pag. 106 e 209. Felix Alves Pereira, *Noticia summaria acerca do Soajo*, Lix.º 1914, fig. a pag. 26-27. Leite de Vasconcellos, *op. cit.* pag. 34 a 37, «moradas».

(4) Leite de Vasconcellos, *op. cit.* pag. 12; id. *Religiões da Lusitania*, Lisboa 1913, III vol. pag. 393; Luis Chaves, in *O Archeologo Português*, «A colleção de *milagres* do Museu Ethnologico Português», vol. XIX pag. 152-158, e «os *ex-votos* esculpturados do Museu Ethnologico Português», no mesmo vol. pag. 290 a 300.

(5) Rocha Peixoto, in *Portugalia*, «*Tabulae votivae*» vol. II pag. 186 e ss.; Luis Chaves, in *O Arch. Port.*, vol. XIX, pag. 152 a 176.

(6) Vergilio Correia, in *Aguia*, «As Alminhas» pag. 146 a 155, do N.º 23 (2.ª Serie)—Novembro de 1913.

as artes industriaes, caseiras, (1) das rendas de Peniche, dos tapetes de Arrayelos, (2) a ceramica, (3) popular, todas essas coisas em que o povo documenta o seu instincto conservador, sem olvidar a gravura de modelos, alguns, prehistoricos ou de sua feição, nas *cornas*, nos *tarros*, nas colheres, nos cajados, dedeiras das ceifeiras, obedecem a conceitos velhos e a formas tradicionaes.

Esse carater de estabilidade, que é absorvente em tudo que vive na alma do povo, attinge como não podia deixar de ser a poesia. O naturalismo surge por toda a parte. (4) Na sua essencia o homem do campo e da montanha é pagão como os antigos; prende-o o nascimento ás terras que primeiro viu, e forma parte integrante d'ellas, como uma arvore, ou como uma fonte; pertence, a par dos outros pormenores, á mesma paisagem. Por isso tudo se lhe reflecte no espirito, que só tem olhos para o que o rodeia. (5) Estyliza por tradição e por consciencia, nas suas artes plasticas; imprime o maximo buccolismo ás suas canções. A *desgarrada* no Sul, as *cantigas ao desafio* no Norte, são de uma poesia corrente, limpida, em que cada verso é uma figura lyrica; aquellas quadras, de que se compõem, tem em geral duas partes, exprime-se a ideia nos dois primeiros versos, applica-se nos outros, subjectiva a primeira, objectiva a segunda. Do lyrismo dos cantadores de romances medievaes, conservaram as composições poeticas do povo o naturalismo, o amoroso e a simplicidade.

Não quebraram a tradição as prohibições que os nobres faziam, para se não erguerem nos seus palacios e castellos os cantares do povo. Diz o Marquês de Santilhana: «Infirmos son aquellos que sin ningunt or-«den regla, ni cuento facen estos romances è cantares,

(1) Leite de Vasconcellos, *Museu Ethrogr. Port.*, pag. 45, n.º 12.

(2) D. José Pessanha, *Tapetes de Arraiolos*, in *O Arch. Port.* vol. XI, n.ºs 5-8, de 1906.

(3) José Queiroz, *Ceramica Portuguesa*, Lix.ª 1908.

(4) «E' a mesma selvatica, ingenua, caprichosa e aerea vir-«gem das montanhas que se appraz nas solidões incultas, ...» Garrett, *Romanceiro*, ed. cit. I, pag. 19.

(5) «O povo fala como pensa, sem transposições.» Theop. Braga, *op. cit.*, pag. 5.

«de que a gente baja è de servil condicion se alegra.» (1) Resistiu a feição poetica do ar livre. Bernardim Ribeiro escutou-a, mas as suas eglogas breve se perderam no classicismo italiano de Ferreira, Sá de Miranda, Camões e todos os Quinhentistas, Mestre Gil Vicente de fóra. Mas foi no seculo XIX, depois de tantas phases sob as influencias estranhas, que o romantismo, renascedor dos tempos aureos das lendas e do mysticismo, religioso e cavalheiresco, dos cantares nacionaes, espontaneos, puros e livres, lhe deu a importancia que tinha, como caracter nacional e nacionalizante. Apareceu então o *Romanceiro* de Garrett, seguiram-se-lhe os estudos *folkloricos*, e a colheita de lendas, cantigas, proverbios, espalhou-se pelo paiz.

*

As composições poeticas do povo são *lyricas* ou *dramaticas*, incluidos nas primeiras os *cantares de amor*, em que o subjectivismo desborda; contidos nas segundas os *romances* ou *xacaras*, de genero narrativo, e os *autos* de santos e maravilhas, em que o poeta não fala de si, nem evoca a sua pessoa. O lyrismo porém penetra-as fundo, a dar-lhes o vero caracter do espirito popular.

O *romance*, como as outras formas, é anonymo, e corria de bocca em bocca, quando a sua feição hieratica era familiar. Modificou-se, desceu da epopeia popular, e hoje amodernizou-se no *fado* em Lisboa, e nas *decimas* no Alentejo. A canção de *gesta* adaptou-se á sociedade moderna. A rima tambem se modificou. A assonancia, que, privativa dos romances antigos lhes dava uma harmonia nobre, expontânea, deu hoje a rima litteraria: o *romance* actual, *fado* ou *décima*, tem a rima de qualquer outra estrophe de poetas eruditos. Só o octossyllabo ficou. E' elle que lhe conserva o rithmo da velha *gesta* medieval. E, dos tempos remotos, chegaram até hoje a mesma inspiração e o mesmo metro da redondilha. (2)

(1) *Carta do Marquez de Santillana ao Condestavel de Portugal*, ed. de Amador de los Rios, pag. 54.

(2) ... «mas observa-se que o metro d'estes improvisos é

As *décimas* que vou trasladar foram colhidas em Santa Victoria do Ameixial. Celebram a victoria que os Portugueses obtiveram sobre os Hespanhoes, nos campos do Noroeste da villa de Extremoz, — os *Campos do Ameixial*.

O poeta, que as fez, era pastor naquella vasta charneca. Tinha fama nos arredores. Emquanto os outros «faziam colheres», gravando-as como rendas, elle urdia no seu maravilhoso os poemas campestres que cantaria. Pediam-he que cantasse ou *dissesse* versos, e elle improvisava-os, recitando-os, meio cantados, para quem queria ouvi-lo. Morreu há poucos annos, e toda a gente, nos arredores do padrão do Ameixial, guarda a memória do velho pastor, descendente dos antigos *trovadores ó decidores*. Chamava-se Caleiro.

Estas *Decimas do Padrão* andam muito espalhadas nas aldeias e *montes* da charneca. Muitas cópias me foram mostradas, e toda a gente me falava d'ellas.

São curiosas as interpretações que o poeta foi tirar à leitura, feita por outrem, da inscrição do monumento. O maravilhoso manifesta-se. Apparecem três pessoas de sangue real, tendo elle trazido mais duas personagens á scena: D. Affonso VI de Portugal, e D. Felippe IV de Hespanha. Pôs tambem o Rei de Portugal a falar ás tropas; a prometter, se vencesse, uma *memoria da batalha*, que teria a corôa d'elle no cimo; e a offerecer aos soldados umas anachronicas medalhas. Creou situações dramaticas, que foi acompanhando de commentarios pesarosos, cheios de moralidade, coração e piedade. Não poude escapar-se á narração das lastimas das batalhas, entrelaçando-as com as côres tristes da saudade, a portuguesa saudade, e com a heroica revolta contra a sorte dos soldados. Lá surge, a soberania fatal do Destino, a Morte, que tudo verga; é o *fado*. E as decimas, narrativas, vem, irmãs do *fado*, emparceirar com elle, fórmias caducas de uma origem com-

mum, apenas diferentes na côr local. Assim veio do causticante *fabliau* e da *gesta* heroica, a *decima* philosophante.

Se não tem glosa, como o *fado*, principia cada *decima* pelo verso final da antecedente. E' deixa continua que as liga em cadeia. A rima dispõe-se symetricamente nas duas metades: rimam o primeiro verso, o quarto e quinto; o segundo e terceiro rimam entre si; o sexto rima com o setimo e decimo; rimam, um com o outro, o oitavo e nono. Conservam intervallos eguaes.

*

CAP. II

a)—O facto historico celebrado nas *Decimas do Padrão*: a victoria do Ameixial. b)—O Padrão commemorativo.

A poderosa armada de Orquendo trazia, de caminho para Lisboa, em 1640, duas missões importantes a realizar. De tal transcendencia eram ellas, que o Duque de Olivares as considerou de primeira necessidade para firmeza da sua politica europeia, ou, como hoje se diria, do imperialismo hespanhol que elle fomentava. A primeira coisa, que a esquadra teria de fazer, era a derrota das forças navaes hollandesas: desembaraçar-se-hia o ministro na grave questão dos Países Baixos. A segunda era a de proteger em Lisboa «a annexação violenta,—sem egualdade, nem garantias, como de um

país conquistado e escravizado». (1) A esquadra hespanhola foi, porém, batida pelos Hollandeses na batalha naval das Dunas, no mês de Março. A outra disposição do Duque ficou por isso prejudicada.

Dada ordem á nobreza de Portugal, para em massa partir até a Catalunha, a fim de suffocar a revolta de Junho; e, depois, obrigada sem excepções, nem mesmo do Duque de Bragança, a acompanhar o Rei ás côrtes aragonesas, no dia 24 de Agosto,—a conspiração antihespanhola activou-se. Na manhã de 1 de Dezembro, os conjurados deposeram a Duquesa de Mantua, regente do reino em nome do Rei de Hespanha, e proclamaram Rei de Portugal o Duque de Bragança, com o nome de D. João IV.

Os Hespanhoes procuraram reaver o reino, que por sessenta annos assenhorearam. A guerra contra os Portugueses iniciou-se em 1641, e, com varias feições, estendeu-se até 1668. Diz Oliveira Martins: «A guerra proseguia; e D. João de Austria, senhor do Alemtejo, ameaçava Lisboa, quando a revolução de palacio que entregou o governo ao unico estadista portuguez do XVII seculo, o conde de Castello-melhor, imprimiu força e unidade ás operações, dando-nos as victorias «*decisivas* do Ameixial e de Montes-Claros». (2).

Deixo, á inscripção do monumento commemorativo da batalha do Ameixial, os possiveis pormenores do feito militar. A importancia politica da victoria fica já assignalada.

*

No local da peleja foi erguido um padrão commemorativo da victoria. Chama-lhe o povo, por antonomasia corrente e muito peculiar do seu instincto, o *padrão* e tambem a *memoria* ou *mimoira* em linguagem local. A estrada, que de Extremoz segue por Noroeste e vae a Sousel, estende-se ao longo de uma cadeia de collinas; vem de Villa Viçosa e Borba num antemural da Serra de Ossa, a Norte d'ella, e formam-lhe á direi-

(1) Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, v. II, ed. de 1882, pag. 120.

(2) id. id. II pag. 137 e 138. Cp. II pag. 128. Sublinhei expressamente *decisivas* para frisar o alcance da victoria.

ta uma barreira continua. A oito kilometros da villa de Extremoz, está o padrão da batalha do Ameixial, á esquerda da estrada, e já na planicie. Em frente fica-lhe uma collina, a mais alta, onde teria sido o centro da defesa dos Portugueses; esta collina tem o nome de *Serra do Padrão* (1), por motivo da proximidade d'elle.

O padrão, todo feito de marmore branco de Extremoz, é extremamente simples. Uma columna dorica, com pedestal, ergue a sua linha austera na extensa planicie. Em cima do capitel, no abaco, está uma almofada saliente, onde poisa a coroa real que remata o monumento. Obedece ao gosto classico da época, tem por isso todo o cunho nacional. (2)

No plinthe, na face voltada para a estrada, lê-se em capitaes latinas a inscripção que segue, e encerra parte da chronica marmorea da batalha:

I NO ANNO D SEIS CENOS E SETENA
 E TRES EM OVTO D IVNHO REINANDO
 EM CASTELLA DOM PHELIPE QVARTO
 VINDO DOM IOÃO D AVSTRIA SEV FILHO
 CAP^M GEN^L DO EX^{TO} DAQUELE REINO RETI=
 RANDOSE COMELLE DA SIDAD D EVORA
 SE FORMOV NESTE SITTO A VISTA DO EX^{TO}
 DE PORTV GAL QVE O SEGVIA D QVE ERA
 GOV^{OR} DAS ARMAS DOM SANCHO ME^L CON.
 DE D VILA FLOR O ACOMETE O DANDOHE BA=
 TALIA E DESTROINDO AO EX^{TO} D CASTELLA
 EM QVE VINHA TODA A NOBRESA

(1)! Dá-se no Alentejo o nome de *Serra* a qualquer elevação. Isto é para não confundir monte orographico com *monte* agricola, que é o centro da herdade, o casario dos lavradores, pessoal, arribanas, etc.

(2) Este monumento não é o primitivo, mas uma cópia

Na face voltada ao Norte foi gravada a restante parte da inscrição, que conserva o mesmo typo:

II DLA GANHAMDOEE ARTR^A QVE TRAZIA E
 GRAND CANTIDAD D CARRIAGENS QVE O
 ACOMPANAA E PARA MEMORIA DE TAM
 GLORIOZO SVCECO MANDV ELREI DOM
 AFONCO CEXTO NOSO SOR POR AQVI
 ESE PEDRÃO Q HE O LVGAR EM QVE SE
 DV E VENCEO A BATAHA .

Não offerece difficuldades a leitura. As abrevia-
 turas são correntes: CAP^M GEN^L corresponde a CA-
 PITÃO GENERAL (I, 5.^a linha), EX^{TO} a EXERCI-
 TO (I, 5.^a 7.^a e II.^a l.) GOV^{OR} a GOVERNADOR (I, 9.^a),
 MEL^L a MANVEL (I, 9.^a), ARTR^A a ARTILHARIA
 (II, 1.^a linha), SOR (variante de Snr.) a SENHOR
 (II, 5.^a linha), Q a QVE (II, 6.^a). O uso do U-V não tem
 novidade, nem I-J. A conjugação e inclusão de letras
 provém das lapides romanas, são de todas as inscrip-
 ções latinas. Aqui de curioso, embora não seja factio
 insulado, ha a assimilação graphica das três letras L,
 H e E, para formar o grupo LHE da 10.^a linha (I):
 DANDOLHE.

Notem-se as incorrecções da orthographia, que
 demonstram a impericia litteraria do abridor das let-
 tras, no seculo do *cultismo*. S por C em SIDADE
 (I, 6.^a l.) e C por S(-SS) em SVCECO—SVCCESO
 (I, 4.^a l.) e em CEXTO (I, 5.^a l.); SITTO por SITIO,
 por causa de influencia regressiva do T (I, 7.^a l.); O por
 U em DESTROINDO por accção phonetica do presen-
 te do indicativo, (I, 11.^a l.); CANTIDADE por QVAN-
 TIDADE, phenomeno vulgarissimo na pronuncia popu-
 lar de todo o paiz («calidade»—por qualidade; «cantia»

d'elle: *Revista Militar*, 853, pag. 316. Talvez a substituição se
 desse, quando foi fundada a capella de Santa Victoria do Amei-
 xial, no primeiro quarto do Sec. XVIII.

—e «contia»—quantia; «canto» por quanto, etc), (I, 2.^a l.); no N de ACOMPANHAVA faltou o til para a maneira antiga, e corrente no tempo do artista canteiro, accentuar o N, e dar a esta apical o valor do phonema palatal NH, (I, 3.^a l.); AFONCO por AFONÇO — AFONSO, (II, 5.^a l.); por influencia popular, alentejana, E por A em PEDRÃO, com abrandamento do *a* atono, talvez por comparação com pedra, (*vára-varão*—vã-rão) (II, 6.^a l.); não dobra por vezes as consoantes, (VILA, (I, 10.^a l.); SVCECO por SVCESO, (II, 4.^a l.); AFONCO por AFFONSO, (II, 5.^a l.); NOSO, (II, 5.^a l.); não ha hyphen, nem accento, nem outro signal phonetico, além do til de PEDRÃO. «1673 por 1663» na 1.^a e 2.^a linhas da parte I.

A dois kilometros e meio d'este padrão, na orla de um outeirozinho, ha uma aldeia minuscula em torno da igreja de invocação de S.^{ta} Victoria que no prin-

I NO ANO D 1665 REINANDO
 EN PORTVGAL DOM AFº 06º
 EM QARTA FEIRA 17 D IVNHO
 DO MESMO ANNO DIA INFRA
 QVATAVA DO GLORIOSO SAN
 PORTVGVES NESE SITIO D
 MONTES CLAROS D ANº LVIZ
 D MENEZES MARQUES D MARI
 ALVA CAPITAO GERAL DO A
 LEMEIO EMBATAHIA SINGVL
 AR POR ESPACO D 9 ORAS
 Q COMESARAO AS 9 D MENAM

II AS G D A T A R D M A T O V R O M P
 E O D S B A R A T O V E V E N C E O O E
 X E R C I T O C A S T E L H A N O Q O M A R
 Q V E S D C A R A S S E N A C A P I T A O
 G E R A L D E S T R E M A D V R A G O V E
 R N A V A O Q U A L D I X O V N A C A M P A N H A
 H V M G R A D E N V M A R O D P R I Z I O N E I
 R O S E M V I T O S C A R O S T O D A A R E L I
 A R I A C A R R T A G E E A I L L A V I C O S A L I
 V R E D O S I T I O Q U E T I N H A P O S ^{T O}
 E S T A M E M O R I A F E S P. ^A O S P R E Z E M
 T E S E V I N D O V R O S R E N D R E M A B O S

III G R A C E R E Z A R A M P E L A S A L M A
 S D O S Q V E S E A S H A R A M E M O R
 R E R A O E M T A O N O T A V E L C O N E N D A

cipio do seculo XVIII, por mandado real, alli foi er-
 guida para commemorar a sorte da batalha. E' a al-
 deia de S.^{ta} *Victoria de Ameixial*.

*

Por complemento, dou a inscripção do monumento
 da batalha de Montes Claros. E' a mesma columna,
 e a mesma corôa. Só a inscripção differe. Junto do
 cabeço da Vigaria, na mesma linha de colinas de Vil-

la Viçosa a Sousel, no extremo oriental do concelho de Borba, ergue-se o padrão (1). E no cimo de um dos cabeços de Montes Claros está a ermida de N.^a S.^a da Victoria, feita por voto do Marquês de Marialva, o vencedor. (2)

I, II e III indicam as três faces da inscripção, dividida por outras tantas superficies do pedestal. Em geral as observações a fazer, são as mesmas do padrão do Ameixial. Ha mais a mencionar: MENAM por MAÑAM—Manhã, como PEDRÃO por PADRÃO, (influencia talvez da bi-labial, *m* e *p*) em I, 12.^a; DIXOV por DEIXOV, o *ei* no Alemtejo dá ê, antes de consoante, e não *i*, II, 6.^a; NVMARO por NVNERO, o que é geral na linguagem popular, (como *numbro*), semelhante a padrão, em II, 7.^a l.; ABOS ÁBOS, curiosa ampliação do pronome indefinido, applicado collectivamente aos dois tempos (passado e futuro), como tambem aos homens, todos os PREZENTES E VINDOVROS, em II, 12.^a l.; GRAC por GRACAS, em III, 1.^a l.; ASHARAM por ACHARAM, III, 2.^a l.; e veja-se a syntaxe que foi usada.

*

(1) P.^o Antonio Joaquim Anselmo, *o Concelho de Borba* (topographia e historia), Elvas, 1907, pag. 43.

(2) «Em 64, finalmente, respondia-se ao cerco de Villa-viçosa e á nova aggressão da Hespanha, com a victoria decisiva de Montes-claros, que poz ponto á guerra». Oliv.^o Martins, *id. op. cit.* II, 128. Diz 64 e o padrão, bem como a lapide da memoria na ermida (*vid. op. cit.*, na nota antec.^{te} pag. id.) dizem 65.

CAP. III

AS DECIMAS DO PADRÃO

Apresentado o valor historico do facto que as decimas cantam, e dado o justo valor á feição poetica d'essa composição narrativa do poeta da charneca, falta o traslado do que o rustico *juglar* improvisou. E' o que preenche este capitulo. São vinte nove as estrophes.

1.^a

Padre, Filho, Esp'rito Santo,
 Digo êu pera começari.
 E começo a filociari.
 Minha vista ao ceo levanto,
 P'ra pedir a quên dá tanto,
 Dêi juizo e capacidade,
 P'ra que minha M'ralidade
 D'sêmpenhe a minha pessôa
 Olhando p'ra esta c'rôa
 Que aqui pôs Sua Majestade.

1.^a decima — Observa-se a influencia da oratoria sagrada. As decimas são recitadas, e o poeta suppõe-se no transe espectacular do orador, começando como elle a invocação da SS. Trindade. E' aliás o introito épico, e vae corresponder á invocação das Musas, como Camões entrega a Calliope a inspiração dos *Lusíadas*. No 3.^o verso apparece a verbo *filociar*; supponho que será *filauciar*, de «filaucia» ou «philaucia» (Bluteau, *Vocabulario Português*, s. v. «Philaucia»); *Desempenhar* (8.^o v.) significa «tirar de empenho» a «interesse» (o interesse de se sahir bem) isto é «resgatar» (Vid. Candido de Figueiredo *Novo Dicc.*, s. v. «desempenho»). O *r* final descoberto (2.^o e 3.^o v.) pronuncia-se *ri*. Ê=êi.

2.^a

Que aqui pôs Sua Majestade
 En um dia santificado.
 Que neste dia assignalado
 Houve grande impiedade,
 D'sapareceu a humanidade,
 Appareceu a ambição.
 Mesmo a santa relegião
 Está d'zendo a todo o instante:
 Quên offende o seu semelhante
 Forma grande escuridão.

3.^a

Forma grande escuridão:
 Os que en seri maus consideram,
 Contas do que cá fizeram
 Nã se lembram que as darão.
 Pois de as darêm pertos 'stão,
 Aquelles que as nã tèn dado;
 Nen fidalgo, nen morgado,
 Que a sua riqueza prometta,
 A morte ên vindo nã r'spêta
 Nên paisana, nên sôldado.

2.^a *Em um dia santificado*, no 2.^o v. principia a imaginação a trabalhar; era santificado o dia, para dar mais realce ao feito da commemoração. E' corrente a mudança do *i* em *e*, 2.^o e 7.^o, e *impiadade* por *impiedade* (Leite de Vasconcellos, *Subdialecto alentejano*, 1883, (pag. 9). *Em*=*en*, na pronuncia local.

3.^a *Não* pronunciam-no os alentejanos, *nã* com proclise do *o* (4.^o, 6.^o, 9.^o v.). *Em* final pronunciam-no por *ên*, (2.^o, 5.^o v.). *Respêta* (9.^o v.)—o dithongo *ei*, descoberto ou coberto, como aqui por ex., pronuncia-se no Alentejo *ê*, (Leite de Vasconcellos, *Subdialecto alentejano*, 1883, pag. 5). *Tem* (6.^o v.) pronuncia-se *êi* e não *ãe* como no resto do país (Gonç. Vianna, *Essai de phonétique*, pag. 11). *Sôldado* (10.^o v.), o *o* atono antes de *l* sôa como *ô* (Leite de Vasconcellos, id. 10).

4.^a

Nên paisana, nên sôldado,
 Nên alferes, nên c'pitão,
 Nên médico, nên surgião,
 Nên juiz nên um lettrado,
 Nên o homen bên armado,
 Seja lá com que armas fôri,
 Nên gin'rali nên gov'rnadôri,
 Nên c'roneli nên brigadêro,
 Nên casado, nên soltêro,
 Nên vigairo, nên priôri,

5.^a

Nên vigairo, nên priôri,
 Nên o bispo na sua egrêja,
 Resiste ainda que seja
 Côn ministro e 'embaixadori,
 Côn o Rê e Imperadori.
 Toma a mesma confiança,
 Leva-os a mesma balança
 Aonde leva o pelengrino.
 Moço velho e o menino
 Vivên na mesma esperança.

6.^a

Vivên na mesma esperança.
 Sêmos igaes no nasceri
 E sêmos igaes no m'rrieri,

4.^a Como na 3.^a *Paisana* forma neutra, popular, de *paisano*. *Nem* (cfr. *tem* da 3.^a est.^a). *Surgião* syncope de *Cirurgião* (como em *cluna—columna*). *Brigadêro* e *soltêro* cfr. *Respêta* da 3.^a *Vigairo* metathese de *Vigario* (*drento* por *dentro* é outro ex.).

5.^a *Vigairo* cfr. anterior. (1.^o v.)—*Pelengrino* (*pelingrino* tambem) em mss. do sec. XVIII encontra-se *enleição* por *eleição*) *enxeminar* por *examinar*. (cfr. Leite de Vasconcellos *op. cit.* p. 11, (8.^o v.). *Om* vale *ôn* (id. id p. 10) 3.^o e 4.^o v.

6.^a *Igaes* por *iguaes*, queda do *u* atono. (2.^o v.). *Veve* por *vive* é força da rima, (6.^o v.). *Mimoira* metathese de *memoria* (9.^o v.) *Calêro* por *Caleiro*, vid. ant. é o nome do poeta que fala. *L* final diz *li*.

Só no viveri ha mudança.
 Pois quê nã morre ên criança,
 Nã cuide que sêmpre veve.
 Con uma lêmbrança leve,
 E uma attêncã naturali
 Para esta mimoira reali,
 Diz o Calêro que s' deve,

7.^a

Diz o Calêro que s' deve
 Para este padrão ôlhari,
 E d'vemos de calculari
 Tudo o que nelle s'percebe.
 Que elle calcula e m' nuscreve
 C'mo estes foram atacados.
 Dês perdôe os sês peccados
 A cantos aqui morreram.
 Vês aqui o que soffreram
 Os nossos antepassados.

8.^a

Os nossos antepassados
 Da nossa antiguedade,
 Vês aqui a crueldade
 Com que foram castigados,
 Caindo despedaçados,
 Destruídos pelo chãõ.
 Por essa mesma razão,
 Encanto o mundo durar
 Sêmpre se ha de falar
 Nesta *Serra do Padrão*.

7.^a *Ôlhar*, o o átono pronuncia-se ô por influencia da labial, 2.^o v. (Leite de V. *op. cit.* 10) *Cantos* por *quantos*, no 6.^o v. — *Dês* e *sês* é pronuncia de *Deus* e *seus*, (Leite de Vasconc. *op. cit.* pag. 5), 7.^o v. *Vês*: dirige ao que lê, a inscripção de *memoria* (vid. 8.^a, 17.^a). *Manuscreve* (5.^o v.), por infl. litteraria se emprega.

8.^a *Antiguedade* por *antiguidade*: pronuncia popular do gu=g, e i átono a dar e, 2.^o v.^o *Vês* sóa como *vês*. (3.^o v.) *Encanto* por *emquanto* é pronuncia popular corrente. 8.^o v.

9.^a

Nesta *Serra do Padrão*
 Houve um grande assassino,
 Que morreu gente sên tino
 Naquella occasião.
 Ih! Jesus que afflicção
 Tiveram daquella vez,
 Caíndo a cinco e a sês!
 Encanto de pé estiveram,
 Muitos gritos se aqui deram
 Em sêscêntos s'tenta e três.

10.^a

Em sêscêntos s'tenta e três,
 No dia oito de Junho,
 Morreu muita gênte a punho
 Neste lugari que aqui vês.
 Pessoas reaes vieram três,
 A uma tomari despique.
 E p'ra que esta m'moira fique
 Nas vistas de quem passêa,
 O primêro que se nomêa
 E' de Castella D. F'lippe.

11.^a

Vêu de Castella D. F'lippe
 Quarto, e sua divisão,
 E vêu d'Austria D. João

9.^a *Assassino* está por *assassinio*, (2.^o v.) *sês* por *seis*, (7.^o e 10.^o v.). *Encanto* por emquanto. cfr. *sêscêntos* por seiscentos, por *êi=ê*, no 10.^o v.

10.^a Repare-se na menção que faz de tres pessoas reaes, vid. cfr. cap. II. *Sêscêntos*, cfr. 9.^a decima. *Morreu* soa como *mor-rêu* (o *eu* descoberto vale *êu*) (Cfr. Leite de Vasconcellos *op. cit.* pag. 5), 3.^o v. *Vês* a *três* soam por *vêes* e *trêes* (4.^o e 5.^o v.). *Despique* de *despicar* tomar desforra, (Cand. de Figueiredo *Novo Dicc.* s. v. «despicar») mas popularmente contenda (6.^o v.). *Memoira* metathese de *memória*. *Passêa*, *nomêa*, *primêro*, *êi=ê*, (8.^o e 9.^o v.).

11.^a Note-se a confusão que faz com os nomes. D. João d'Austria é o filho do Rei. *Vêu* de *veio* (*ei=ê* 1.^o v.). Está *sê* *filho*

Com sê filho, pôr-se a pique.
 È nã tenho mais que explique.
 Isto é o que conta a histoira
 Na frente d'esta memoira.
 Vêu o Rei dos Castilhanos,
 Junto com dois Austrianos,
 Todos três perderi victoira.

12.^a

Todos três perderam victoira,
 Armas e a sua riqueza,
 Aonde vêu toda a nobreza
 Ganhari morte e perderi gloira.
 Levaram co'a palmatoira
 Do Conde de Villa-Flori,
 Que elle era o Governadori
 Das armas de Portugali.
 No campo do Amêxiali
 Acha se elle por venc'dori.

13.^a

Acha-se elle por venc'dori,
 Ganhando-lhe as art'lharias.
 Vinham os ôtros ha dois dias
 Fugindo com sê temori.
 D. Affonso, El-Rê Senhori,
 Detraz os vinha seguindo.
 Vinham d'Evora fugindo
 Aqui p'ra esta fortaleza,
 Cada vez con mais basteza
 Castilhanos no chão cahindo.

por *seu filho*, 4.º v. a *pique* (loc. adv.) em perigo (Candido de Figueiredo, *Diéc.* cit. s. v. «pique»), 4.º v. *nã* por *nã* é a pronuncia de *ão* -- *ãn* 5.º v. *Histoira*, *memoira*, *victoira*, metatheses de «historia», «memoria», e «victoria», 7.º, 8.º e 10.º v. *Mimoira* por *memoira* = memoria é atono dá *i*, 8.º v.

12.^a Cfr. com a decima anterior, *Castilhanos* por *Castelhanos* (Leite de Vasconcellos *op. cit.* p. 10), 8.º v. *Austrianos*, é formação directa com Austrienses.

13.^a *Ou vale ó*, (Leite de Vasc. *op. cit.*, p. 5) 3.º v. Veja-se

14.^a

Castilhanos no chão cahindo
 Sempre de continuamente,
 D. Affonso de contente
 Com D. Sancho estava rindo,
 Cada vez mais opprimindo
 A inconstante batalha.
 Diz Affonso: «aqui trabalha
 «Hoje tudo a ferro frio,
 «Que no cabo do desafio
 «Cada um têm sua medalha.

15.^a

«Cada um têm sua medalha,
 «Que á força d'armas ganhamos,
 «Vamos a veri se acabamos
 «Co'a raça desta canalha.
 «Que elles nêen polv'ra nêen m'tralha
 «A têm já no sê poderi,
 «E se êu a c'rôa não perdi,
 «Antes de victoira ganhari,
 «Aqui prometto de a prantari
 «P'ra toda a gente a veri.

a alteração da verdade dos factos, para collocar outra pessoa real, que é a terceira, pois de tres falava, vid. 10.^a decima.—*Castilhanos* por *Castelhanos*, como testemunha (Leite de Vasc. *op. cit.* p. 10), 10.^o v.—*Com basteza* loc. adv. correspondente a *com abundancia*, *em abastança*; no Alentejo usam muito a expressão similar *com franqueza*, para este caso.

14.^a Fala o Rei.—*Castilhanos* vid. 13.^a D.—*De continuamente*, acção de *de continuo* e da rima, (2.^o v.). *Opprimindo*=*apertando*, 5.^o v.—*A ferro frio* loc. adv. curioso,=*a frio*, *sem desânimo*, 8.^o v. Veja-se o anachronismo da promessa de medalhas, (10.^o v.) — D. Sancho (Manuel) é o Conde de Villa-Flor.

15.^a Continua a fala phantasiosa do Rei. *Tên*=*tem*, (6.^o v.) cfr. 14.^a *Sê poder*, *eu* aberto dá ê, (6.^o v.) e descoberto dá êu). *Victoira* por *victoria*, (metathese), 8.^o v.

16.^a

«P'ra toda a gente a veri
 «A um padrão servirĩ de testo.
 «A c'roa de D. Affonso sêsto
 «E' esta, e ha de dizeri
 «Que elle aqui se vêu bateri
 «Com duas nações estranjêras,
 «— Com palavras verdadêras,
 «O que faço não desmancho.—
 «Em companhia de D. Sancho
 «Vêu aqui ganhari bandêras.»

17.^a

Vêu aqui ganhari bandêras
 No assassino d'esta guerra.
 Corria o sangue pela terra
 Como auga pelas bêras.
 O' lente peço que 'quêras
 Esta gente socorreri,
 Que vieram aqui morreri
 Gritando por Dês e Santos,
 Que os gritos seriam tantos
 Que más nã poderiam seri.

18.^a

Que más nã poderiam seri
 Os gritos, aís e gemidos,
 D'aquelles que caíam f'ridos

16.^a Continua o Rei a falar. Promette fazer o padrão, e fica explicada a existencia d'elle. *Testo* é a tampa das panellas, de barro ou metal; a metaphora é grosseira, mas tem de rimar com *sêsto*, (2.^o v.). *Vêu* por *vêio*, *ei=ê*, (5.^o e 10.^o v.) *Estranjêras*, *verdadêras* e *bandêras*, id. (6.^o 7.^o 10.^o v.) *Companha* é forma vulgar no Alentejo, 9.^o v.

17.^a Segue a narrativa. Cfr. a Decima antecedente, fr. *vêu*, *bandêras*, etc. *Assassino* por *assassinio*, vid. 9.^a, 2.^o v. (2.^o v.)— *Auga* é methatese vulgar de *agua*, (4.^o v.). *Lente*=o que lê, etymologia de lente, professor da Universidade, (5.^o v.). *Mais*=*más*.

18.^a Atraz se mencionam já os valores das *nasaes*. *Ou*=ô (7.^o, 8.^o 9.^o v.). *Cobrados* por *quebrados*, dicção vulgar em todo o país.

Sem se poderên valeri.
 Q' de pé se nã podiam teri:
 Uns cõn pernas partidas,
 E ôtros com ôtras feridas,
 E ôtros com braços cobrados,
 Ôtros para alén passados
 Acabaren com as vidas.

19.^a

Acabaren com as vidas,
 Nũa morte tão affrontosa,
 Q' tiveram a mais custosa
 De todas as escolhidas.
 Nên pesadas nën medidas
 São estas affelições.
 E nas nossas orações
 A um Deus omnipotente,
 Pedimos p'l'aquella gente,
 Q' nós todos semos irmãos.

20.^a

Q' nós todos semos irmãos,
 E da mesma terra fêtos,
 Tanto os brancos c'mo os pretos,
 Os môros como os Christões.
 São duros os corações
 Que passam por esta estrada,
 Que a d'menos nã rezam nada
 P'r tanta morte que aqui foi.
 Pedimos a Deus que perdõe
 A esta gente desgraçada.

19.^a *Affelições* como *afflictos*, epenthese de *afflicções* e *afflictos*, (6.^o v.). *Pedimos* por *peçamos*, (9.^o v.).

20.^a *Fêtos* por *feitos*, *ei*=*ê*, (2.^o v.). *Môros* por *Mouros*, *ou=ô*, (4.^o v.). *Ao de menos*=*ao menos*, (7.^o v.). *Pedimos* por *peçamos*, acaba como uma oração. (10.^o v.).

21.^a

Por esta gente d'sgraçada
 Todos devemos pedir,
 Porque poderemos cahir
 Nos golpes da mesma espada.
 Esta coisa consid'rada
 Como foi e como seria,
 Afflicções que aqui haveria
 Morrendo c'mo passarinhos!
 P'ra elles todos coitadinhos,
 Muito triste foi o dia.

22.^a

Muito triste foi o dia,
 E custoso na verdade.
 Tênhamos d'elles piadade
 Com uma Ade-Maria.
 Desgraçada mãe a que cria
 Filhos para dar a El-Rê,
 Q' depois a morte lhe dê.
 N'ua occasião tã séria,
 Mettido em tanta miseria.
 Coitado de quen se vê.

23.^a

Coitado de quen se vê
 No mundo tã infeliz,
 Ôsente do sê país,

22.^a *Ade-Maria* por *Ave-Maria*, é corrente no Alentejo como na Beira, (Leite de Vasconcellos, *op. cit.* pag. 9) 4.^o v. e em geral é uso no país. *Piadade* por *piedade*, (A. e *op. cit.* pag. 9), 3.^o v. *Tênhamos* é a accentuação popular. Note-se a piedade christã, que ao poeta inspira a oração pelos mortos, e a ira pelos causadores das guerras, que elle pessoaliza nos Reis. *El-Rê*, ei=ê, e rima com *dê* (6.^o v.).

23.^a *El-Rê*, vid. ant. 22.^a Dec.^a (4.^o). *Nêum* por *nenhum*, forma geral (5.^o v.). *Au=ô*, *ausente* dá *ôsente* (3.^o v.). *Eu=ê* (3.^o v.)

D'baixo dos ferros d'El-Rê,
 Q' nã ha mal nêun que nã dê
 No triste pobre soldado.
 Vê-se de bichos gafado
 E muitos dias nã come,
 Passa muita sede e fome,
 P'ra assim morreri desgraçado.

24.^a

P'ra assim morreri desgraçado,
 Mais lhe valia morreri
 Acabado de nasceri,
 Depois de seri baptizado,
 Do que ver-se assim d'vorado
 Do mais soberbo valênte,
 Desviado de sua gênte,
 E d'alguns amigos sês,
 Sem poderi dizer adês
 O' más chegado parente.

25.^a

O' más chegado parente,
 Que é sua mãe e sê pae.
 A desgraçia é de quen vae
 Ver-se co' a morte na frênte,
 E ver-se na hora temênte,
 Nas ancias da morte m'ttidos,
 Porque alli se vêên perdidos
 Das bandas os cadilhos.
 Os paes perdem os filhos,
 As casadas os sês maridos.

24.^a Nova manifestação christã. Mistura-se a informação historica, deturpada, a phantasia do poeta, o commentario de philosopho, e a crença christã de piedade e affeição.—*Sês e adês* por *seus e adeus*, eu==ê quando coberto (8.^o e 9.^o v.). *O'* por *ao*, contração do dithongo, (10.^o v.), phenomeno geral no país.

25.^a *O'* por *ao* vid. ant. (1.^o v.) A *desgraçia* por *desgraça* foi factu apontado por Leite de Vasconcellos no *op. cit.* pag. 8. *Das bandas os cadilhos* deve ser *Dos bandos os caudilhos*, (8.^o v.).

26.^a

As casadas os sês maridos,
 As donzellas os mancebos,
 Perdem-se todos ênlevos
 Do mundo mais conhecidos,
 Os homens mais instruidos
 Alli pérdên o seu saberi.
 Que, digo e torno a dizeri,
 Alli não ha filho pr'ó pae.
 A desgracia é de quem vae
 Alli àquel' lugar gemeri.

27.^a

Alli àquel' lugar gemeri,
 Conforme acontece a muitos,
 Não àquelles que são defunctos,
 Que morrem sem padeceri;
 Êsses morrem sem saberi
 Se a morte custa ô não;
 Conforme caiem no chão
 Alli ficam quietinhos,
 Alli morrem coitadinhos
 Sên mexerên pé nê nãõ.

28.^a

Sên mecherên pé nê nãõ
 Entre meio de muitos mais,
 Que gritam por mães e paes,
 Que sabe Deus onde estão.
 Os paes que amorudos são
 Dizên: «mê filho! não m'squece;
 «Se ê acudir-lhe podesse!»
 Dizen todos os vizinhos:
 «Cá de longe coitadinhos,
 «E quen lá anda é que padece!»

26.^a *Desgracia*, vid. 25.^a Decima, (9.^o v.). *Todos enlevos por todos os enlevos*.

28.^a *Amorudos*: inclinados ao amor, voc. chulo de *amantes* (5.^o v.). é por eu 6.^o v.).

29.^a

Quen lá anda é que padece,
Perde todos os regalos,
Porque até os propios cavallos
Alli dão o seu arremesse.
Alli tudo se estremece,
N'aquelle trabalho furioso.
Que só um Dês todo poderôso
E' que alli pode acudiri.
Quem lá vae e torna a viri
Pode-se dari por ditoso

LUÍS CHAVÉS.

29.º *Arremesse* por *arremêso*, ou seja coíce, (4.º v.) *Se estremece*, está tomado o verbo estremecer (v. tr.) no sentido reflexo, (5.º v.).